

VAN GOGH: UMA RELEITURA DA VIDA

Nathália Quintanilha Gonçalves Alho¹

“Na vida de um pintor, talvez a morte não seja o mais difícil. Eu confesso não saber nada a respeito. Mas a visão das estrelas sempre me faz sonhar.”

Vincent Willem Van Gogh.

DE ONDE VIEMOS? QUEM SOMOS?

A Maré é o maior complexo de favelas da cidade do Rio de Janeiro. Composta por 16 comunidades delimitadas à oeste pela Baía de Guanabara e Linha Vermelha e ao leste pela Av. Brasil. O complexo ainda é cortado pela Linha Amarela na sua parte central, todas vias de grande circulação do modal rodoviário carioca.

Em 1994, a região foi reconhecida como bairro e, de acordo com recente censo demográfico, apresenta um total de 139.073 habitantes, sendo assim considerado o nono bairro mais populoso do Rio.

A população é formada em sua maioria por nordestinos, imigrantes que deixaram as duras condições de vida de suas terras natais em busca de melhores oportunidades de emprego e condições de vida nesta cidade.

O bairro possui alguns mecanismos culturais, como a Lona Cultural, Museu da Maré, Bela Maré, Biblioteca Redes da Maré e outros, entretanto, devido a um cenário violento e formado por fronteiras visíveis e bem delimitadas, nem todos os alunos têm acesso às plataformas culturais oferecidas. Sendo assim, nós professores temos o dever fundamental na mediação e no acesso desses estudantes ao conhecimento.

¹ Graduada em Letras/inglês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Professora de Ensino Fundamental – 40h (Prefeitura do Rio de Janeiro)



Foto tirada na ida a Lona Cultural para atividades corporais

À beira da Linha Vermelha está a Osmar Paiva Camelo, escola municipal de turno único que atende alunos de faixa etária entre 6 e 12 anos, em sua maioria, oriundos do sub bairro Nova Holanda. Esta unidade escolar localiza-se no Campus Maré juntamente com outras unidades de ensino fundamental 1.

A Osmar é o local onde foi gestado e nasceu o projeto *Van Gogh: uma releitura da vida*, vislumbrado de grande potencial e amplitude pedagógica e tomado da pretensão de inserir os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental em uma nova proposta de espaço para o conhecimento. Uma oportunidade ímpar de se descobrir o que há de bom dentro e além das fronteiras da comunidade.

A escolha de Vincent van Gogh como patrono deste projeto vem da magnitude de suas obras nas artes visuais, entretanto, a publicação de suas cartas enviadas ao seu irmão, revelam sua excepcional capacidade de expressão literária como em "Livros, realidade e arte são todos a mesma coisa para mim," escreveu Van Gogh em carta a seu irmão Theo em 1883.

Vincent Willem van Gogh era filho de pais protestantes, o artista nasceu numa pequena vila holandesa, em 1853. Faleceu em 1890, com apenas trinta e sete anos; apesar de uma vida curta, representou um marco para a história da arte. Durante sua vida, o artista apresentou distúrbios psíquicos, cortou parte de sua orelha e cometeu suicídio, no auge de sua criatividade. Mesmo assim, deixou mais de mil pinturas e desenhos extraordinários. Van Gogh não estava interessado em pintar apenas uma cena, mas em expressar seus sentimentos mais profundos. Para ele, a pintura possuía uma expressão quase religiosa.



Foto do aluno Pedro ao lado do “MineGogh”

O estudo das cartas, lado a lado com as pinturas e os desenhos, de Van Gogh também ajudaram a transmitir a conexão estreita que, para o artista, existia entre a arte visual e a literatura. Analogicamente, observamos a importância desse elo quando tratamos do conhecimento com interdisciplinaridade, ou seja, quando nos propusemos efetivamente a conduzir a apresentação do conhecimento com todas as ciências e as artes encadeadas e associadas ao mundo prático e lógico de nossas crianças.

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante.”

Paulo Freire.

NOSSOS PRIMEIROS PASSOS

Nós, professoras e alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, mareenses de carteirinha, fomos os idealizadores desse projeto. Em uma conversa sobre *Famílias e Onde Habitam*, um aluno perguntou se toda casa era igual. Esse questionamento desencadeou uma série de reflexões que precisavam de uma atenção especial.

Os relatos trazidos pelas crianças sobre suas famílias e seus costumes foram profundamente marcantes e elucidaram ideias para um trabalho diferenciado em sala de aula. A riqueza de possibilidades levantadas pela temática abordada em classe, evidenciou-se com o encontro das crianças com “A Casa Amarela”, de Van Gogh. A proposição desse tema foi abraçada com muito entusiasmo e interesse junto aos pequenos.

A apresentação desta obra de arte e a vida deste artista mexeram profundamente com o cenário da turma. A tristeza que Vincent Van Gogh trazia no peito era muito parecida com a sombra que habitava em alguns alunos. Muitos se identificaram com a história do artista e foi então que surgiu o desejo de um aprofundamento maior.



Foto da apresentação da casa as crianças

Em sua carta de número 298, Vincent Van Gogh, diz que, através de trabalho duro, ele esperava fazer algo bom “*algo sério, algo novo—alguma coisa com alma!*”. Com isso em foco, as turmas e as professoras idealizaram este projeto como algo que impulsionasse a todos os participantes a acreditarem que outras linguagens eram possíveis na construção do conhecimento.

O projeto viabilizou o despertar de múltiplos saberes que auxiliaram na auto expressão, no desenvolvimento da afetividade, da socialização e da moralidade, recursos indispensáveis para o real sentido da “leitura” da palavra, da imagem e, principalmente, do ser humano. Ou seja, um recurso multi sensível, capaz de gerar propósito e prazer ao letramento e à alfabetização.

Ao incorporarmos a rotina de Vincent nas aulas, introduzimos também os diferentes saberes e as diferentes leituras de mundo, tomamos esses saberes e experiências como conteúdos alfabetizadores, trazendo sentido ao postulado freiriano de que a leitura do mundo precede e amplia a leitura da palavra que, fundada na leitura de mundo, transforma-se na leitura

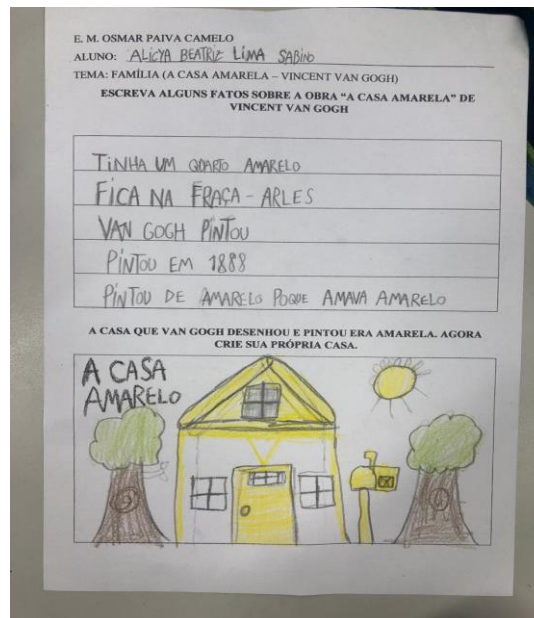
da palavramundo². Podemos assim, identificar práticas educativas fundadas numa abordagem intercultural a partir de conteúdos vivos que permearam a sala de aula e não apenas a partir do estudo da estrutura da língua. Ampliando, desta forma, os nossos próprios conhecimentos e concepções sobre conteúdos alfabetizadores.

“Na vida de um pintor, talvez a morte não seja o mais difícil.” Para Van Gogh, o medo da morte não é um tema a ser superado e, para nossas crianças, assim como a pobreza e a violência, não devem ser fatores impeditivos do seu desenvolvimento. Apesar dessas mazelas, procuramos através do projeto de vida, incentivar nossos alunos a sonharem, a planejarem, e a identificarem a si mesmos, como sujeitos ativos e críticos dos contextos sociais em que estão inseridos, completando a frase inicial: “Eu confesso não saber nada a respeito. Mas a visão das estrelas sempre me faz sonhar.”

BOTANDO A MÃO NA TINTA

O processo foi dividido em etapas de aprendizagem e avaliação. Essas etapas foram pensadas junto com os alunos levando algumas questões em consideração como: O que sabemos? O que gostaríamos de saber? Como aprenderemos? Quem nos ajudará? Como faremos? Como concluiremos? A partir dessas perguntas foi elaborado um plano de ação para que o projeto pudesse sair do papel.

² Conceito de Paulo Freire que expressa a articulação entre os conhecimentos e saberes cotidianos do educando e a aprendizagem da leitura e da escrita. Não se refere à memorização mecânica e à descrição de objetos e situações como interpretação; pelo contrário, refere-se a uma prática alfabetizadora fundada no exercício da curiosidade e na apreensão do significado e do sentido existencial da palavra, no mundo e na vida cotidiana de cada educando.



Atividade da aluna Alycia sobre "A Casa Amarela"

Juntos, elaboramos um cartaz com todas essas questões que ficou fixado na sala de aula para que pudéssemos avaliar e observar nosso desenvolvimento e nossas metas. A exposição desse material foi de grande valia para que todos vissem como a turma evoluiu e aprendeu ao longo de todo o processo.

Em meio a toda elaboração, vimos a necessidade de contar com a ajuda dos pais e da comunidade escolar para que o projeto pudesse ser enriquecido com a colaboração de todos. Portanto, aquela ideia que havia surgido em meio a uma roda de conversa precisou ser discutida em reuniões com os responsáveis e profissionais da escola.

Durante os 2 últimos meses do 1º semestre, nós, as professoras regentes, organizamos momentos de pesquisa teórica no horário de planejamento e distribuímos temas entre os alunos para que eles pesquisassem em casa. A pesquisa teórica tornou o projeto interdisciplinar e virou o tema chave de estudos durante 3 meses, logo, todos os conteúdos do currículo foram adaptados dentro da temática. Usando Fazenda (1994) como referência, tratou-se de um constante diálogo entre teoria, conceito e ideia, numa postura horizontal e recíproca entre diversas disciplinas. As turmas aprenderam a interpretar o mundo letrado sob um viés artístico. Ainda, no papel de mediadoras, nosso foco foi o de propor o conhecimento através de múltiplas informações (em imagens, sons, textos, etc.) numa postura dialógica permanente. E ainda, com base em Freire (1998), pudemos perceber que o conhecimento não se deu do professor para o aluno, mas sim, entre o professor e o aluno. A participação coletiva gerou interação

colaborativa e cocriativa. Entendemos que aprender supõe participação ativa na construção do conhecimento.

Desta forma, saímos em busca de parceiros para que o trabalho tivesse um viés científico. Pensamos na faculdade de belas artes como algo utópico, mas que precisava ser sonhado e partimos em busca dessa parceria. A EBA/UFRJ abraçou o projeto, se interessou, nos ouviu, nos contactou e disponibilizou profissionais e alunos do curso de história da arte e licenciatura para a realização e elaboração do projeto.



Professores e alunos da UFRJ foram nos visitar

Durante todo o processo teórico, escolhemos alguns quadros norteadores do trabalho. Dentre eles estão: *Comedores de Batata* (1885), *A casa Amarela* (1888), *A Vinha Encarnada* (1888), *A Noite Estrelada* (1889), *Doze Girassóis numa Jarra* (1888), *Campo de Trigo com Corvos* (1890), *Autorretrato* (1889), *Quarto em Arles* (1888), *Amendoeira em Flor* (1890) e *Cabeça de uma Mulher* (1885).

A organização e execução do trabalho aconteceu dentro do espaço escolar durante as aulas diárias e com as visitas quinzenais dos professores universitários e estudantes. O tempo dedicado ao projeto foi dividido com cerca de 40 a 50 minutos diários de estudo interdisciplinar e 1 hora de estudo teórico e prático a cada 15 dias com os profissionais universitários.

Após o recesso de julho, o trabalho saiu do plano das ideias e começou a se concretizar. As primeiras atividades pairavam na leitura e criação de histórias a respeito do artista e suas obras.

Foi em *Vincent Ama as Cores: uma história para conhecer Vincent Van Gogh.*, livro de Silvia Sirkis, onde os alunos puderam se familiarizar com o estilo de vida do pintor de uma

maneira mais dinâmica e próxima. Com esse recurso visual, os estudantes começaram a aprender a respeito da transição artística que havia em suas obras, compreendendo a mudança que havia nos estilos de pintura e textura em suas telas.

Com o decorrer das observações e estudos os alunos tornaram-se capazes de identificar as telas de Vincent Van Gogh quando dispostas com telas de outros artistas, souberam também diferenciar seus períodos de produção de acordo com a cor, forma e textura da cena retratada sobre a tela. A análise detalhada de obras e o estudo de cores, proporcionou aos alunos uma sensibilidade aguçada para identificar linhas e formas presentes no quadro.



“Tia, eu fiz um Van Gogh para você”

Ao longo desses três meses também foram desenvolvidos trabalhos baseados nas cartas que Van Gogh trocava com seu irmão Theo. Uma das propostas feitas era olhar para a comunidade e buscar nela coisas que fossem do agrado dos alunos e pudessem ser pintadas em pequenos postais endereçados a Van Gogh. Os alunos deveriam contar ao endereçado como era aquele lugar que eles haviam pintado e o que gostavam de fazer lá.

Com o avanço das atividades vimos vídeos biográficos, lemos livros de pintura sobre Vincent e visitamos periodicamente as pinturas dispostas no site do Museu de Van Gogh.

A participação em rodas críticas de conversa, a exposição de ideias, as narrativas orais e relato de suas vidas e produções deram vida e corpo ao trabalho. Ter um local de fala abrangeu o pensamento e o reconhecimento do universo que os rodeia.

Uma atividade de percepção foi proposta onde os alunos precisaram descobrir o que havia no nome HOLANDA e NOVA HOLANDA que os tornava tão próximos de Van Gogh. Após descobrir que a palavra HOLANDA era a mesma tanto no país quanto no bairro,

começaram os desdobramentos. Foi proposto que os alunos desenhassem como era a casa deles e apresentassem aos demais colegas, em uma roda de conversa, pontos positivos do lugar que moravam. Essa atividade possibilitou o uso do GPS virtual para conhecer um pouco mais sobre a Holanda. A partir daí, os estudantes, começaram a criar iniciativas para poder melhorar o bairro onde vivem.



André Luís apresentando sua moradia na roda de conversa

No dia que utilizamos o GPS virtual, estávamos no auditório da escola usando o computador e a internet da mesma. Acessamos o *Google Maps* e passeamos pelas ruas de Arles, Paris, Zundert, Rio de Janeiro, Caxias, São Gonçalo e aos arredores da Comunidade da Maré. Nesse passeio online percebemos as diferenças culturais e as possibilidades de acesso a outros lugares, além de calcularmos distâncias, imaginarmos como seria a cidade anos atrás, descobrirmos diversos tipos de moradia e como cada cultura constrói o próprio mundo a partir de suas vivências e costumes.

Após a análise do mundo que está fora, chegou a hora de olhar o mundo que está dentro. Hora de perceber o universo que cada um é e expressar como cada um se observava através do autorretrato.

Para essa atividade, cada aluno recebeu uma folha de papel, canetas coloridas e lápis de cor e ali deveriam desenhar como eles se enxergavam. O interessante dessa tarefa foi que qualquer jeito e qualquer cor eram possíveis, além das críticas que faziam entre si. Por vezes, um não colocava os óculos que lhe era de costume sob o argumento de que ele era mais bonito

sem ou ainda a possibilidade de ser pintado de coral porque amava a fruta laranja. Foi uma atividade riquíssima onde houve, não só a representação do que estava no físico, mas também do que estava por dentro.



Autorretratos dos alunos

E ainda sobre esse processo de observação, o autorretrato não era para Vincent apenas uma forma de melhorar suas técnicas artísticas, sobretudo, pintar a si mesmo era um exercício de autoconhecimento. Para as nossas crianças, fomentar o conhecimento sobre sua própria identidade e sobre a compreensão do seu “Eu”, possibilitou um maior entendimento de sua relação com outros objetos e com outras pessoas. Em um nível progressivo de autoconhecimento, os nossos alunos passaram a desenvolver também uma consciência social de pertença ou inserção. Percebendo o seu ambiente e as suas condições, as crianças passaram a enxergar possibilidades diferentes de crescimento intelectual e humano, indo além da comunidade e através de outras culturas perceberam a grandiosidade do mundo.

Através de nossas conversas e apresentações sobre a Nova Holanda, chegamos à conclusão que uma das maiores diferenças entre a Nova Holanda e a Holanda era o lixo espalhado pelas ruas e refletimos muito a respeito de iniciativas para tentar reverter essa situação. Chegamos à conclusão que o lixo não orgânico poderia virar peças-chaves dos nossos trabalhos e exposições.

A escola dispunha de poucos materiais para as oficinas artísticas, e algumas estratégias adotadas para a captação de recursos foram a utilização de materiais reciclados e a venda de rifas a fim de comprar tintas, pincéis e telas.

Levamos a proposta aos professores de artes a fim de levantarmos ideias do que poderia ser feito e foi então que surgiu a iniciativa de construir uma releitura do quadro “A Noite Favelada”, de Juliana Angelino, com tampinhas de garrafas. O interessante dessa proposta é que estávamos estudando bastante sobre a tela “A Noite Estrelada”, de Van Gogh, e a composição de Juliana Angelino veio ressignificando o que antes estava mais abstrato. A artista em questão também era moradora de comunidade e reproduziu um quadro tão famoso sob a ótica de quem mora na periferia. Ela conseguiu tornar mais tangível uma arte tida como erudita. Nos aproximamos mais, quase que fundindo nossas histórias.



Alunos confeccionando a releitura do quadro “A Noite Favelada”

A proposta foi levada aos alunos e abraçada com muita alegria. As duas turmas, os professores, os funcionários, a comunidade, os amigos, juntos, arrecadaram mais de 8.000 mil tampinhas. O quadro foi montado e as tampinhas que sobraram foram doadas para a 4ª Coordenadoria Regional de Educação que as destinaria para uma campanha de cadeira de rodas.

Além das tampinhas, copos de requeijão e de iogurte e caixotes de frutas, que vinham da merenda, foram usados em substituição dos copos descartáveis, como recipientes para a mistura das tintas e para a construção da releitura do quadro “A Casa Amarela”, além de camisas antigas serem usadas como aventais evitando a compra desnecessária de tecido.

Em meados do projeto, já estávamos bem familiarizados com o estilo artístico de Van Gogh e os estudos, gradativamente, tornaram-se mais práticos. Após toda conversa e elaboração de conceitos a respeito do quadro “A Casa Amarela” era chegada a hora de uma releitura bem original desta tela que tanto nos sensibilizou e nos deu um novo olhar sobre o

que é pertencer a um lugar. Contamos com a ajuda do secretário escolar Julio Cesar que, com ferramentas próprias, caixotes de frutas e madeiras diversas, estruturou a tão sonhada casinha. A casa foi fracionada e cada grupo de alunos ficou responsável pela pintura de uma parte. A escolha das cores foi feita pelos alunos após um estudo de cores primárias e secundárias junto aos estudantes universitários e a montagem da casa feita após a pintura de todos os componentes da mesma.



Alunos pintando “A Casa Amarela”

O conhecimento sobre obras que marcaram e se eternizaram na história é o ponto inicial para qualquer produção artística. O estudo sobre “A Casa Amarela” proporcionou o conceito de valorização do território que habitamos. A ideia de Vincent era fazer de sua casa uma casa de artistas e um local onde as pessoas pudessem se sentir vivos dentro de um lar. Entretanto, esse ideal não foi possível devido a sua instabilidade emocional. Ao nos depararmos com essa informação, refletimos a respeito de nossa realidade e do que realmente gostaríamos de ter e viver no local que moramos: faríamos desse local apenas um dormitório ou um lugar em que todos tivessem prazer de voltar? Contudo, o entendimento sobre realidades múltiplas foi o primeiro passo para a emoção porque, em geral, admiramos e preservamos aquilo que cujo valor nos é inestimável.

Essa atividade foi ramificada em duas semanas e vivida intensamente pelos alunos. Era interessante o tamanho do significado que aquela releitura tinha para eles, pois participaram de todas as etapas desde o estudo da tela até a estruturação da releitura na sala de exposição. Muitos lembravam a visita que havíamos feito ao atelier de pintura da Universidade Federal do Rio de Janeiro e diziam que eram artistas como aqueles profissionais que estavam lá.

Naquele momento eles tinham o espaço, o material e o objeto de criação. Tudo conquistado a partir das metas que havíamos traçado, através do movimento que tínhamos feito para que tudo fosse possível.



Alunos durante a exposição de artes

COLHENDO GIRASSÓIS

Em 2019, a paleta do primeiro ano ganhou novas cores e vivemos intensamente tudo que nos proporcionou os tons frios e quentes. As sobreposições a cada pincelada de tinta era como se criássemos novas camadas de uma nova história. Caminhamos sobre o amarelo opaco até o reluzente, fomos do amarelado irritadiço até o otimista, do lúdico ao egoísta, conhecemos os limites que uma paleta de cores pode dizer sobre um indivíduo ou uma obra.

Descobrimos que somos o que criamos e que em cada coisa que fazemos ou lugar que passamos, deixamos um traço bem pessoal. E ainda, percebemos o quão peculiar é um girassol, flor que Vincent mais gostava. Vimos que para estar constantemente vivo e brilhante, essa flor procura por um brilho maior. Ela segue o sol por onde quer que vá e se recolhe quando este dorme. Entra em uma vigília interior para esperar com grande entusiasmo o despertar desta estrela. O girassol *“Still Life” mesmo quando a natureza parece morta*³, ainda há sentido e vontade naquilo que demonstra um sopro de vida.

³ Menção a produção artística intitulada “Natureza Morta”



Misturando cores primárias

As linguagens, visual e literal, de Van Gogh, formaram um campo vasto de possibilidades da junção dessas duas formas de expressão. Pillar (1993), ressalta a importância dessa relação e de como ela não deve ser tratada de forma dissociada:

Em relação à alfabetização, a organização das representações de espaço é fundamental, uma vez que a compreensão dos sistemas de leitura e escrita passa necessariamente pelo espaço através do movimento. Além disso, a criança só pode ler e expressar em palavras a sua realidade a partir de vivências que ocorreram num contexto espacial. Neste sentido, as atividades de expressão plástica são essenciais para que a criança possa expressar e comunicar o seu mundo interior, pois as palavras nem sempre exprimem em toda a plenitude a intensidade de uma vivência; as realidades subjetivas exigem meios particulares de expressão como os jogos simbólicos e as artes plásticas (PILLAR, 1993, p.25).

Van Gogh: uma releitura da vida, possibilitou aos alunos a autonomia, o pensamento crítico e livre para a construção de seus próprios caminhos e mapas para conduzir suas explorações (PASSARELLI, 1993). Cada percurso do projeto foi vivido de maneira democrática e respeitando o processo individual de amadurecimento de cada integrante.



Aluno Pedro Henrique apresentando sua tela pintada ao ar livre

Não só na sensibilidade visual e artística crescemos, mas também na emocional e letrada. Aprender a formar sílabas, palavras, frases e histórias com um objeto norteador e bem estabelecido foi de vital importância na aquisição da leitura e escrita. Os trabalhos artísticos por meio de Van Gogh geraram entusiasmo e vigor para esse processo tão árduo.

Como tratou-se de turmas de alfabetização, a avaliação aconteceu de maneira gradativa e continuada, logo, os critérios avaliativos utilizados foram a participação em aula, a entrega de atividades realizadas em casa, participação nas oficinas, desenvolvimento pessoal e da autonomia, trato com o próximo, criatividade e empenho.

Conforme o amadurecimento emocional e sensibilidade artística iam sendo afinados nos alunos, o trabalho também ia crescendo e novos passos sendo dados. A montagem da exposição foi um marco na comunidade tanto para os alunos como para os pais, pois muitos relataram, agradecidos, que nunca tinham visitado uma amostragem de artes.



Visita dos pais a exposição

A visita ao atelier de pintura também foi um divisor de águas por dois motivos: saber que o mundo é maior que os muros invisíveis da comunidade e saber que muitos alunos da comunidade conseguiam estudar na faculdade.



No atelier

A culminância do projeto foi uma exposição de artes na escola, com cobertura jornalística do jornal local “Maré de Notícias”.

Contudo, este projeto abriu janelas e portas para novas possibilidades e ideias a respeito de si e do território que vivem. Os alunos puderam se reconhecer como mareenses e seres humanos potentes. Descrever esse trabalho é vivenciar novamente a grande unidade que esse projeto proporcionou. Estávamos instalados em uma realidade que não nos era favorável e

conseguimos mobilizar muitas pessoas e ideias para que tudo acontecesse. Nós releemos a letra e a vida, demos novo sentido ao que antes era apenas um pensamento no papel.

YouTube Maps Gmail Traduzir

MARÉ DE NOTÍCIAS ONLINE

CORONAVÍRUS ARTIGOS ARTE E CULTURA DIREITOS HUMANOS EDUCAÇÃO SAÚDE

Van Gogh também é coisa de criança

2 de dezembro de 2019

Compartilhar



FAÇA O MARÉ DE NOTÍCIAS SER CADA VEZ MELHOR

O Maré de Notícias nunca foi tão lido. Ao mesmo tempo nunca publicou tanto conteúdo original e teve tantos colaboradores e colunistas. Ou seja, nossos recordes de audiência são frutos de um enorme esforço para fazer um jornalismo sério e rigoroso a favor dos direitos, da democracia e dos movimentos sociais. Mas o momento político exige mais do nosso jornal. Seja um apoiador e ajude a investir para fazer um jornalismo ainda melhor. Esse é o nosso compromisso.

Apoie!

MAIS COMENTADOS

Artigos Saúde

Protagonismo Feminino na Luta pelo Direito à Segurança Pública na Maré

Precisamos falar de sífilis

Recorte de Jornal retirado do Maré de Notícias online



16 MARÉ DE NOTÍCIAS

Van Gogh também é coisa de criança

Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental Osmar Paiva Camelo criam, recriam e estudam, a partir da vida e da obra de um dos maiores pintores de todos os tempos



Alunos da Osmar Paiva Camelo: aprendendo português e matemática de forma lúdica



Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

6 de dezembro de 2019 · 🌐

#DeuNaMídia 🤪

Foto retirada da rede social da SME - RJ

REFERÊNCIAS

CANAL FUTURA. As Trigêmeas | Canal Futura | Vincent Van Gogh. 2015. (25m34s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uOh9HeOsB3E&t=4s>> Acesso em: 04 de setembro de 2019.

CAULOS. Van Gogh e a Cor do Sol. 1 ed. Rio de Janeiro: ROCCO, 2012

FAZENDA, I. C. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FREIRE, P. (1998). Pedagogia do Oprimido. 25^a ed. (1^a edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GEEMPA. Porto Alegre: Editora Kuarup. 1993.

GOGH, Vincent van, 1853-1890. Cartas a Théo [recurso eletrônico] / Vincent Van Gogh ; tradução de Pierre Ruprecht. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2010. Recurso digital : il. (Coleção L&PM POCKET, v. 21)

LEITÃO, Mercia Maria; DUARTE, Neide. Van Gogh e o Passarinho Téo. 1 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2010

LENHARO, Mariana Pereira. Van Gogh e a melancolia: Pinturas de Pôr do sol em Arles. 2014. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós - graduação Interunidades em Estética e História da Arte. Universidade de São Paulo, São Paulo.

PASSARELLI, Brasilina. Hipermídia e educação: algumas pesquisas e experiências. In: Contexto & Educação. Ijuí (RS), n. 34, ano 8, out/dez., 1993, p.66.

PILLAR, Analice Dutra. Fazendo Artes na Alfabetização – Artes Plásticas e Alfabetização.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. Orientações Curriculares: Áreas Específicas. Rio de Janeiro, 2010. <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4246634/4104952/OrientacoesCurricularesArtesVisuais.pdf>>. Acesso em: 04 de junho de 2019.

SANTOS, Thaynara. Van Gogh também é coisa de criança, Maré de Notícias. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 2019. Disponível em: <<https://mareonline.com.br/educacao/van-gogh-tambem-e-coisa-de-crianca/>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2019.

SIRKIS, Sílvia. Vincent Ama as Cores: uma história para conhecer Vincent Van Gogh. 1 ed. São Paulo: Autêntica, 2012

SOUZA, Elaine Oliveira. O processo criativo e o transtorno depressivo em Van Gogh. 2017. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN.

VAN GOGH MUSEUM. Explore the Collection. Van Gogh Museum. Disponível em: <<https://www.vangoghmuseum.nl/en/explore-the-collection>>. Acesso em: 03 de junho de 2019.

VAN GOGH MUSEUM. Vincent's Life and Work. Van Gogh Museum. Disponível em: <<https://www.vangoghmuseum.nl/en/vincent-van-gogh-life-and-work>>. Acesso em: 03 de junho de 2019.

VILLANOVA, Vivian. VAN GOGH - 50 FATOS #VIVIEUVI. 2017. (10m17s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_T2AGbLUXGY&t=41s> Acesso em: 11 de setembro de 2019.

Visita ao Atelier de Pintura da Escola de Belas Artes da UFRJ.